

O grande salto à frente

OLIVEIROS S. FERREIRA

Tendo obtido do governo boa parte do que reclamavam para poder sair da difícil situação em que se encontravam, os empresários viram-se de repente responsabilizados pelo fato de os preços haverem subido, acarretando acentuada alta nos índices de inflação. Não tendo sabido colocar as questões com clareza no decorrer do diálogo de surdos em que se constituíram as reuniões presididas pelo ministro do Trabalho, acabaram impossibilitados de reclamar o restabelecimento das leis do mercado ("afinal, vocês já tiveram o aumento que pediram", lhes lançará na face qualquer burocrata), e não conseguiram encontrar tempo para equacionar devidamente o estrago que as decisões do Executivo produziram em sua imagem pública.

O presidente José Sarney, cujo desencanto com os empresários já é notório (ainda que não tão público) igualmente não avaliou o significado estratégico de o ministro Dilson Funaro haver transferido para seus antigos colegas de classe (classe social, bem entendido) a culpa pelas altas de preços autorizadas pelo CIP e pela Sunab. De fato, no instante em que a direção do processo cultural e político (direção no sentido em que Gramsci usava a expressão) não tem como se fixar nas mãos do empresariado — que continua desorganizado como sempre, apesar de novas lideranças que começam a surgir aqui e ali —, sobre que categoria social espera o presidente apoiar-se para governar?

Hoje, o chefe do governo está preocupado em encontrar um grupo que o sustente na Assembleia Nacional Constituinte (por consequência, no Congresso) e que impeça as manobras desestabilizadoras tipo Constituinte exclusiva. Ora, esse tipo de apoio não basta,

tendo em vista a crise econômica e social que lavra por aí. Pelo contrário, é nitidamente insuficiente e pode ocultar os fatos — e o livro da História ensina que nos momentos de transição nos fundamentos da sociedade, ou se tem apoio em estratos sociais amplos com representação política, ou se arrisca a cabeça na guilhotina a todo instante. Diria mesmo, olhando para trás, que é perigoso confiar única e exclusivamente no apoio das Forças Armadas — esse é o tipo de doença política que denominamos de "síndrome Rhexa Pahlavi". O xá da Pérsia, como sabido, tinha a apoiado o maior exército do Oriente Próximo e o resultado está aí: os xitas, os verdadeiros, tomaram o poder.

Por mais que seja sincero em sua opção pelos pobres, o presidente Sarney sabe que não pode fazer deles, enquanto pobres (categoria social indefinida), aquilo que Hermann Heller chamava de grupo suporte do núcleo de poder no Estado. Não pode, pela simples e boa razão de que a crise em que o Brasil está mergulhado não é semelhante à de 1945, ou de 1964. Na raiz de tudo o que corrói a estrutura social, destrói a solidariedade social e compromete o desempenho da economia — além da explosão demográfica — está a crise do processo de acumulação e não uma mera péssima distribuição da renda. Essa crise é mundial, porque, infelizmente para os que querem desfeitear os bancos norte-americanos, as leis da acumulação têm abrangência mundial. Tanto têm, que Gorbachev, o suave camarada Gorbachev, joga todos os seus trunfos tentando fazer com que a economia soviética tenha eficiência e a URSS não seja obrigada a continuar acumulando sobre a indústria bélica — sob pena de ter de fazer a guerra.

No Brasil, ainda há espaços geo-

gráficos para relançar o processo de desenvolvimento, que se confunde neste preciso instante com o de acumulação, sem necessidade de acordos tipo Brasil-Argentina. Não existem, porém, espaços sociais em virtude do "ethos" muito particular que impregnou nossas elites dirigentes, basicamente os empresários, "ethos" esse que Oliveira Vianna traduzia magistralmente numa expressão: "a maneira nobre de viver". É essa existência de espaço geográfico e essa impossibilidade de ampliar os espaços sociais, indispensáveis a que o modo de produção capitalista se afirmasse em todo o Brasil, que está na raiz da crise.

Sem dúvida, para romper o impasse criado pela força das organizações sociais herdadas de um passado superado pela civilização da "terceira onda", é necessário fazer profundas mudanças. As Forças Armadas não têm como executá-las, entre outras razões porque seu "ethos" é adversário do processo capitalista. O triunfo dos pobres não resolverá a questão, em primeiro lugar porque eles não estão organizados nem têm direção no sentido de Gramsci, depois porque os que dizem representá-los não são partidários da eficiência e do internacionalismo da economia, requisitos da acumulação do capital com liberdade política. Na verdade, se tivessem um projeto, os empresários poderiam dar o grande salto à frente (com o perdão de Mao Tsé-Tung). Poderiam, mas não o fazem com medo de comprometer hábitos arraigados de consumo. O problema para eles e todos nós, porém, é que se não o fizerem, estarão condenados a fenecer sob a ditadura burocrática do CIP e da Sunab, vendo subir dia a dia a onda de ressentimento que os de fato pobres começam a alimentar contra os ricos — reais ou supostos.